

PDL

Projeto Democratização da Leitura
www.portaldetonando.com.br



Sobre a Digitalização desta Obra:

Esta obra foi digitalizada para proporcionar de maneira totalmente gratuita o benefício de sua leitura àqueles que não podem comprá-la ou àqueles que necessitam de meios eletrônicos para ler. Dessa forma, a venda deste e-livro ou mesmo a sua troca por qualquer contraprestação é totalmente condenável em qualquer circunstância.

A generosidade é a marca da distribuição, portanto:

Distribua este livro livremente!

Se você tirar algum proveito desta obra, considere seriamente a possibilidade de adquirir o original.

Incentive o autor e a publicação de novas obras!

Visite nossa biblioteca! Centenas de obras grátis a um clique!

www.portaldetonando.com.br

Onde anda o analista de Bagé? Não sei. As notícias são desencontradas. Há quem diga que ele se aposentou, hoje vive nas suas terras perto de Bagé e se dedica a cuidar de bicho em vez de gente, só abrindo exceção para eventuais casos de angústia existencial ou regressão traumática de fundo psicossomático entre a peonada da estância.

Lindauro, a recepcionista que além de receber também dava, estaria com ele, e teria concordado em dividir o afeto do analista com uma égua chamada Posuda, desde que eles concordassem em nunca serem vistos juntos em público.

Outros dizem que o analista morreu, depois de tentar, inutilmente, convencer o marido de uma paciente que banhos regulares de jacuzzi a dois num motel faziam parte do tratamento.

E há os que sustentam que o analista continua clinicando, na Europa, onde a sua terapia do joelho, conhecida como "Thérapie du genou aux boules, ou le methode gaúchô", tem grande aceitação e ele só tem alguma dificuldade com a correta tradução de "Pos se apeie nos pelego e respire fundo no más, índio velho", no começo de cada sessão. Não sei.

Bagé

Certas cidades não conseguem se livrar da reputação injusta que, por alguma razão, possuem. Algumas das pessoas mais sensíveis e menos grossas que eu conheço vêm de Bagé, assim como algumas das menos afetadas são de Pelotas. Mas não adianta. Estas histórias do psicanalista de Bagé são provavelmente apócrifas (como diria o próprio analista de Bagé, história apócrifa é mentira bem-educada), mas, pensando bem, ele não poderia vir de outro lugar.

Pues, diz que o divã no consultório do analista de Bagé é forrado com um pelego. Ele recebe os pacientes de bombacha e pé no chão.

- Buenas. Vá entrando e se abanque, índio velho.

- O senhor quer que eu deite logo no divã?

- Bom, se o amigo quiser dançar uma marca antes, esteja a gosto. Mas eu prefiro ver o vivente estendido e charlando que nem china da fronteira, pra não perder tempo nem dinheiro.

- Certo, certo. Eu...

- Aceita um mate?

- Um quê? Ah, não. Obrigado.

- Pos desembucha.

- Antes, eu queria saber. O senhor é freudiano?

- Sou e sustento. Mais ortodoxo que reclame de xarope.

- Certo. Bem. Acho que o meu problema é com a minha mãe.

- Outro...

- Outro?
 - Complexo de Édipo. Dá mais que pereba em moleque.
 - E o senhor acha...
 - Eu acho uma poca vergonha.
 - Mas...
 - Vai te metê na zona e deixa a velha em paz, tchê!
- Contam que outra vez um casal pediu para consultar, juntos, o analista de Bagé. Ele, a princípio, não achou muito ortodoxo.
- Quem gosta de aglomeramento é mosca em bicheira...
- Mas acabou concordando.
- Se abanquem, se abanquem no más. Mas que parelha buenacha, tchê. Qual é o caso?
 - Bem - disse o homem -, é que nós tivemos um desentendimento...
 - Mas tu também é um bagual. Tu não sabe que em mulher e cavalo novo não se mete a espora?
 - Eu não meti a espora. Não é, meu bem?
 - Não fala comigo!
 - Mas essa alta mais nervosa que gato em dia de faxina.
 - Ela tem um problema de carência afetiva...
 - Eu não sou de muita frescura. Lá de onde eu venho, carência afetiva é falta de homem.
 - Nós estamos justamente atravessando uma cris e de relacionamento porque ela tem procurado experiências extraconjugais e...
 - Epa. Opa. Quer dizer que a negra velha é que nem luva de maquinista? Tão folgada que qualquer um bota a mão?
 - Nós somos pessoas modernas. Ela está tentando encontrar o verdadeiro eu, entende?
 - Ela ta procurando o verdadeiro tu nos outros?
 - O verdadeiro eu, não. O verdadeiro eu dela.
 - Mas isto ta ficando mais enrolado que lingüiça de venda. Te deita no pelego.
 - Eu?
 - Ela. Tu espera na salinha.

Finitude

Existem muitas histórias sobre o analista de Ba gé, mas não sei se todas são verdadeiras. Seus métodos são certamente pouco ortodoxos, embora ele mesmo se descreva como "freudiano barbaridade". E parece que dão certo, pois sua clientela aumenta. Foi ele que desenvolveu a terapia do joelho. Diz que quando recebe um paciente novo no seu consultório a primeira coisa

que o analista de Bagé faz é lhe dar um joelho. Em paciente homem, claro, pois em mulher, segundo ele, "só se bate pra descarregar energia". Depois do joelho o paciente é levado, dobrado ao meio, para o divã coberto com um pelego.

- Te abanca, índio velho, que ta incluído no preço.

- Ai - diz o paciente.

- Toma um mate?

- Nã-não... - geme o paciente.

- Respira fundo, tchê. Enche o bucho que passa.

O paciente respira fundo. O analista de Bagé pergunta:

- Agora, qual é o caso?

- É depressão, doutor.

O analista de Bagé tira uma palha de trás da orelha e começa a enrolar um cigarro.

- To te ouvindo - diz.

- É uma coisa existencial, entende?

- Continua, no más.

- Começo a pensar, assim, na finitude humana em contraste com o infinito cósmico...

- Mas tu é mais complicado que receita de creme Assis Brasil.

- E então tenho consciência do vazio da existência, da desesperança inerente à condição humana. E isso me angustia.

- Pos vamos dar um jeito nisso agorita - diz o analista de Bagé, com uma baforada.

- O senhor vai curar a minha angústia?

- Não, vou mudar o mundo. Cortar o mal pela mandioca.

- Mudar o mundo?

- Dou uns telefonemas aí e mudo a condição humana.

- Mas... Isso é impossível!

- Ainda bem que tu reconhece, animal!

- Entendi. O senhor quer dizer que é bobagem se angustiar com o inevitável.

- Bobagem é espirrá na farofa. Isso é burrice e da gorda.

- Mas acontece que eu me angustio. Me dá um aperto na garganta...

- Escuta aqui, tchê. Tu te alimenta bem?

- Me alimento.

- Tem casa com galpão?

- Bem... Apartamento.

- Não é veado? Não.

- Tá com os carnê em dia?

- Estou.

- Então, ó bagual. Te preocupa com a defesa do Guarani e larga o infinito.

- O Freud não me diria isso.

- O que o Freud diria tu não ia entender mesmo. Ou tu sabe alemão?
 - Não.
 - Então te fecha. E olha os pés no meu pelego.
 - Só sei que estou deprimido e isso é terrível. É pior do que tudo.
- Aí o analista de Bagé chega a sua cadeira para perto do divã e pergunta :
- É pior que joelhaço?

Megalomania

Contam que Lindaura, a recepcionista do analis ta de Bagé (segundo ele, "mais eficiente que purgante de maná e japonês na roça"), desenvolveu um método para separar os casos graves dos que são só - como diz o analista de Bagé - "loucos de faceiros". Enquanto preenche a ficha, ela dá a cada paciente em potencial uma cuia de chimarrão no formato de um seio. Depois vai anotando: "Quis chupar a cuia em vez da bom ba", "Começou a gemer e acariciar a cuia", "Atirou contra a parede", etc. Assim, quando recebe o paciente, o analista de Bagé já sabe o que esperar. Mas nada preparou o analista de Bagé para a entrada no seu consultório do megalômano de Carazinho. o diálogo entre os dois já começou mal.

- Te deita no divã. - Não deito.
- Te deita, bagual! - Não deito!
- E por que não deita?
- Em primeiro lugar, porque só quem mandava em mim era o meu pai, que já está no Grande Galpão do céu capando anjo pra fazer lingüiça. Em segundo lugar, que o analista aqui sou eu.

E com isto o analista de Bagé derrubou o outro com um peitaço e o seguiu sobre o pelego do divã com um joelho na omoplata. Gritou:

- Diz qual é teu problema!
- Não digo pra qualquer um!
- Diz senão te arranco esses bigodes dois a dois.
- Todos dizem que eu tenho mania de ser melhor do que os outros, mas eu não acredito neles.
- E por que não?
- Porque é tudo gente inferior.

O analista de Bagé saiu de cima do outro, mas deixou o facão bem à vista, para evitar incomodação. O outro continuou.

- Eu tenho megalomania.
- Não tem - disse o analista de Bagé, bra bo. Sabia que era verdade, mas não agüentava fanfarrão.
- Quer saber mais do que eu?
- Sei mais do que tu, teu irmão, tua mãe e teu pai, se fosse conhecido.

Nisso o megalômano de Carazinho subiu em cima do divã, apontou um dedo para o analista de Bagé e ameaçou: - Olha que eu te transformo em pedra. O analista de Bagé abriu a camisa e ofereceu o peito: - Pois transforma. Quero ver. Transforma! O outro mudou de tática. Ergueu a mão como numa bênção e disse: - Eu te perdôo. Aí o analista de Bagé avançou.

Na sala de espera Lindaura esperou meia hora antes de entrar no consultório. Tinha ordens do analista de Bagé sobre como agir de acor do com os sons que ouvia. "Resfolego, não liga. Gemido, vai pra casa. Grito, te prepara. Móbia quebrada, entra." Decidiu entrar. Encontrou o megalômano de Carazinho inconsciente embai xo do divã virado, com só metade do bigode. Depois o analista de Bagé explicou:

- Doença é uma coisa. Convencimento é outra.

O outro era "metido a gran cosa". Mas ele perdera mesmo a paciência quando ouvira o outro dizer:

- Sou o maior megalômano do mundo!

Aparecia cada um.

Duplo

Contam que os métodos pouco ortodoxos do analis ta de Bagé (embora ele diga que é "mais ortodoxo que caixa de maizena") têm levado uma multidão de pacientes a procurá-lo. Ele foi obrigado a fazer uma triagem na sua clientela. Instruiu sua recepcionista Lindaura ("uma chinoca que eu estava criando, mas passou do ponto") a cortar os complexos menores, inclusive todos os de inferioridade e "os Édipos de ambulatório". Só aceita casos difíceis, pois, como diz, "cavalo manso é pra ir à missa". Foi o caso daquele estancieiro rico que já entrou dizendo:

- Meu caso é de esquizofrenia, doutor.

- Oigalê! Já vi que o índio velho é dos que lê bul a. Essa palavra eu só aprendi a dizer dois dias antes da formatura. Mas se abanque, no más.

O estancieiro se deitou no divã coberto com um pelego. O analista começou a limpar as unhas do pé com um facão. Falou:

- Quer dizer que o amigo está com esquizofrenia.

- É.

- Da braba?

- Da braba. - Como se manifesta a bicha? - Personalidade dupla, doutor. Um dia eu sou um, no outro eu sou outro.

- Sei.

- Um dia sou alegre, bonachão, mão aberta. No outro sou carrancudo, brigão e não abro a mão nem pra espantar mosca.

- Mas que coisa.

- Eu tenho cura, doutor?
- Bueno. Vai ser um tratamento mais comprido que bombacha de gringo.
- Tudo bem.
- Mais caro que argentina nova na zona.
- Não me importo.
- Já vi que o amigo está nos seus dias de cordeirito.
- Lindaura!

- Chamou?
 - Prepara a conta que o índio velho aqui vai pagar adiantado.
- O estancieiro começou a se levantar para protestar, mas o analista de Bagé o mandou de volta ao pelego com um cabeçaco. E avisou:
- Se conta pro outro, te capo.

Te cuida, tchê

Lindaura, a recepcionista do analista de Bagé (segundo ele, "uma recepcionista eclética, pois recebe e dá"), faz o possível para preveni-lo sobre os pacientes novos antes de entrarem no consultório, pois, como diz o analista, "se me entra um arreganhado, já recebo a tapa". Lindaura deixa um pedacinho de veludo vermelho ao alcance do paciente na sala de espera. Depois escreve na sua ficha: "Não ligou para o veludo" ou "Passou a mão e começou a babar" ou "Botou na frente e foi ver no espelho se ficava bem". Na ficha daquele cliente novo, de Não-me-toque, ela escrevera: "Viu o pedacinho de veludo e recuou horrorizado." Era obviamente um paranóico.

- Te deita no divã, tchê - disse o analista de Bagé.
- Pra quê? - quis saber o paciente, desconfiado.
- Oigalê bicho bem xucro - disse o analista com uma risada agradável, enquanto torcia o braço do outro e obrigava-o a se deitar.

O paciente ficou se segurando sobre o pelego que cobria o divã, para evitar que arrancassem sua roupa. O analista sentou no seu banquinho e pegou a cuia.

Ofereceu:

- Um mate? - O que é que você quer dizer com isso? O analista de Bagé passou a cuia para o outro, que olhou para a ponta da bomba com apreensão.
- Pode tomar que os micróbios são de casa - disse o analista, mas o paciente devolveu a cuia. O analista continuou:
- Pues, qual é o problema?
- Eu sabia. Já andaram espalhando que eu tenho problema.
- Se o amigo está aqui é porque tem um problema. Já vi que pelo mate não é.

- Pare com esse tom condescendente!

O analista de Bagé fez força para se controlar. Um dia antes perdera a paciência e atirara um masoquista contra a parede. O masoquista não reclamara, mas com o impacto se quebrara o seu Freud entalhado em imbuia. O outro continuou:

- Todo mundo me persegue.
- Não é verdade.
- Ninguém acredita em mim.
- Eu acredito.
- Você só diz isso pra me agradar.
- Eu não estou querendo te agradar.
- Por que não? Por que não?

Meia hora depois o analista de Bagé, com argumentos razoáveis, e com a ameaça de atirar a escarradeira na sua cabeça, convenceram o paciente a abandonar sua mania de perseguição. Ninguém o estava perseguindo. Era pura fantasia.

- E o jacaré embaixo da cama?
- Não tem jacaré. Jacaré gosta de banhado. A tua cama fica em lugar seco?
- Fica.
- Pois então.

Ele devia sair dali convencido que ninguém nem nada estava contra ele. Devia se esforçar para levar uma vida normal.

- Não sei se vou conseguir...
- Vai.
- Como é que você sabe?
- Porque eu vou estar sempre atrás de ti, tchê. Te cuidando. De dia e de noite.

A menor recaída na paranóia, ó...

E o analista de Bagé fez o gesto de quem acerta um cutelaço na nuca.

Salinha cheia

- Se abanque, no más - disse o analista de Bagé, indicando o divã.
- Eu, ahn, prefiro ficar de pé - disse o moço.
- Se abanque, índio velho, que tá incluído no preço.
- Não, obrigado...
- Deita aí! - disse o analista de Bagé, empurrando o paciente, que caiu de costas no pelego.

O analista de Bagé sentou na sua banquetela e começou a picar fumo para o palheiro. Como o moço não dissesse nada, falou:

- E então? Desembucha.
- É que eu tenho um probleminha...
- Probleminha só pode ser o moleque pequeno.

- "Moleque?"
 - A peça. O tabuco. O Oduvaldo.
 - Ah. Não, não é isso.
 - Então o que é, tchê? Depressa que eu to com a salinha cheia de louco.
 - Bem, é que eu...
 - O quê?
 - Eu desde pequeno tenho este problema de incontinência...
 - Incontinência?
 - Eu ainda faço xixi na cama...
- Nisso o analista pulou e gritou:
- Meu pelego!
- E levantou o divã por uma ponta, despejando o paciente no chão.
- Outra vez entrou um senhor no consultório, deitou no divã e contou que ultimamente estava se comportando de modo estranho.
- Me aposentei, doutor. E um dia, não sei por quê, me deu vontade de pintar o cabelo de caju.
 - Sei - disse o analista de Bagé, sem tirar a bomba de chimarrão da boca.
 - Comecei a usar roupas assim. Camisa aberta até aqui embaixo...
 - To ouvindo.
 - Medalhão no peito...
 - Pensei que fosse devoção.
 - E me deu esta vontade de só andar com rapazes...
 - Sim.
 - Me diga, doutor. Eu sou homossexual?
 - Não existe gaúcho homossexual.
 - Mas a gente vê tantos por aí... - São as correntes migratórias. Tu não tem nada, índio velho. Precisa é arranjar um passatempo. Coletar selo. Ou medalhão, pra não perder os que já tem. Vai pra casa e sossega, tchê!
 - Se eu fosse homossexual, nem sei o que fazia. Acho que me jogava por essa janela! Aí o analista de Bagé tapou a janela com o corpo e ameaçou:
 - Te fresqueia. Te fresqueia!

Entrevista com o analista de Bagé

O Coojornal foi o jornal da Cooperativa dos Jornalistas do Rio Grande do Sul com sede em Porto Alegre, que funcionou do final dos anos 70 até meados dos anos 80.

Coojornal - Qual é a sua escola? Segue os ensinamentos de Freud, Jung, Reich ou Honório Lemes?

Analista de Bagé - Poes, sou freudiano de carregar bandeirinha. Mas não desprezo os demás. No meu consultório tenho uma guampa esculpida com as

caras de Adler e Jung. A Dona Melanie Klein também, era china de se apresentar pra mãe. Coisa mui especial. Já esse tal de Reich, nem pra tatá bosta. Reich, pra mim, é prenúncio de cuspida.

Coojornal - Qual a importância do barranco na formação do psiquismo do gaúcho?

AB - É importante barbaridade. Lá na fronteira se diz que nem toda mulher é vaca, mas toda vaca é mulher. Quando me vem paciente com histórias que o stress não deixa ele trepar, ou a mulher é dominadora ou ele acha sexo mais nojentoso que mocotó de ontem, eu diagnostico na paleta: "Esse não barranqueou." Não há coisa mais linda que uma barranqueada a céu aberto. Desenvolve o membro e o amor à natureza. E se o vivente me diz que na terra dele não tinha barranco, repico em cima: "E, não tinha formiguero?" Não tem desculpa. Quando eu era guri, ia pro campo de banquinho.

Coojornal - Se um paciente sonha frequentemente que está correndo nu, com guirlandas de flores nos cabelos, as faces rosadas e um relógio de ouro debaixo do braço, qual é a terapia indicada?

AB - O sonho é fácil de interpretar. O índio velho obviamente se identifica com as classes produtoras gaúchas, que não param de levar. E enquanto for só sonho, está especial. No dia em que ele me aparecer assim no consultório, dou-lhe um tranco de virá cadeira.

Coojornal - Ouve-se dizer que o senhor não cobra suas consultas em dinheiro. Prefere uma porquilha no esplendor da adolescência, uma ovelhita buena de retoço ou até mesmo uma galinhazita experimentada. É verdade?

AB - Já vi que o amigo tem vocação de frestero, está babando no meu tapete malhado. Já se viu? Recebo pagamento em espécie, inclusive animal. Mas não costumo me envolver emocionalmente com meus honorários. É verdade que uma ocasião um latifundiário esquizofrênico de Dom Pedrito - era metade PB, metade PSDB e ainda tinha uma partezita PDT que aticava as outras duas - me pagou a consulta com uma égua castanha buenacha. Cosa pra não fazer feio em exposição ou no Motel Ipanema. Quase não resisti, mas finalmente me segurei nas bombachas. Mesmo porque a Hortênsia não compreenderia.

Coojornal - A Hortênsia é a sua senhora?

AB - Não. A Hortênsia é uma pata que mora comigo. Mais ciumenta que mulher de tenente.

Coojornal - Qual sua reação diante de uma paciente que chega cuspidando fumo nos seus pelegos, calçando 44 bico chato e dizendo que está disputando posição na zaga central do Guarani?

AB - Desabotoo as braguetas e boto o Careca pra fora. Se ela quer competição, então vamos ao que interessa, tchê.

Coojornal - O senhor também vai para a cama, digo, para os pelegos, com suas pacientes?

AB - Se o caso da moça me parece ser simplesmente falta de bageense, vou.

Mas também depende da china. Se apetece, se tomou ba nho e outros etecéteras, pós fiz o juramento de Hipócrates mas não sou hipócrita. E tem outra coisa. Como os amigos sabem, hora de psicanalista tem 50 minutos e 50 minutos nem sempre é o bastante para se chegar ao fundo da questão. Gaúcho com ejaculação precoce é o que leva meia hora. E eu gosto de fazer tudo como manda o almanaque. Tiro até as ceroulas. Quem trepa vestido é padre e tartaruga.

Coojornal- É verdade que o analista-didata que o preparou foi o Paixão Cortes?

AB - Não. O Paixão não é analista e nem poderia ser. É um índio mui grosso. Este é negócio pra gente sensível. Empurra essa escarradeira pra cá que ta me subindo um daqueles de assustar buldogue. Reich! Slupt! Obrigado.

Coojornal- Qual sua explicação para o veadismo que campeia no Rio Grande?

AB - Não quero falar mal, mas tem entrado muito uruguaio ultimamente... E é preciso entender que gaúcho marica sempre houve. Tem gaúcho aí se m bigode e de costeleta curta como estribo de anão que nem por isso é veado. Se bem que ta ALI. Marica é marica. Nem todo mundo corta unha com facão. Agora, esse negócio de homossexualismo é frescura. Uma vez um índio velho que eu tava analisando disse que tinha se apai xonado por mim. A tal de transferência. O Freud disse que devia se deixar sempre um revólver carregado à mão para os casos extremos. E o índio velho era macho de três culhões, tchê. Seu perfume era francês: o Chirac depois do cuper. Disse que estava apaixonado por mim. Eu disse "Não tá". Ele disse "Tou". Eu disse "Te fecha". Ele disse "Mas é verdade". Eu disse "Quer para r de falar e prestar atenção na música? Tu ta pisando nos meus pés". Mas um mês depois tava curado. E verdade que insistiu em ficar com três cabelos do meu peito para guardar num livro do Vinícius. Mas hoje ta emprenhando até china de delegado. Não existe gaúcho homossexual. Existe bageense que não deu certo.

Coojornal - Dizem que a bomba de chimarrão é um tal de símbolo fálico.

AB - Símbolo fálico é o cacete.

Coojornal - O senhor já descobriu a porção mulher do gaúcho?

AB- Já. Ela se chama Noemi. Todo gaúcho tem e go, superego, id e Noemi. Eu apresentei essa tese num congresso no México e fui vaiado, mas sustento. Inclusive, através da análise, já penetrei no inconsciente de muito guasca grosso e fiz contato com a Noemi. Uma vez, com o hipnotismo - fico balançando um rabo de terneiro na frente do paciente e dizendo "Dorme, filho-da-mãe!" -, consegui salvar um guasca do Alegrete que estava quase se perdendo. O caso era que a Noemi queria ir morar no Baixo Leblon e ir a vernissage de sandália, e o vivente queria ficar na fazenda curando bicheira. Dei uns trancaço na Noemi dele e ela se aquietou.

Nenhum gaúcho sai do Rio Grande do Sul por vontade própria. É sempre a Noemi que emigra e leva o pobre junto.

Coojornal- O senhor fez seu curso em Paris, Viena, Nova Iorque ou Passo

Fundo?

AB - Em Paris, Viena e Nova Iorque, com especialização em Passo Fundo.

Coojornal - Antes, quem tinha lenço branco no pescoço ia prum lado e os de encarnado pro outro, mas agora a gauchada tá praticando a tal de amizade colorida. Que mudança foi essa?

AB - Coisas da Noemi.

Coojornal - Por falar no assunto, o senhor é maragato ou chimango?

AB - Maragato, Guarani, Internacional, Iolanda Pereira, João XXIII, sal grosso em vez de salmoura, tango, mulher ancuda, pinga ardida, fumo de rama, filme de pirata e não sei cagá sem ler o Correio.

Coojornal - E o tal de feminismo, que tal lhe parece?

AB - Pos sou a favor. Acho que toda mulher deve lutar pela sua igualdade, desde que não interfira com o serviço da casa. Depois de pendurar as roupas ela pode fazer o que bem entender.

Coojornal - Falam da existência de uma nova mulher, uma nova moral, o tal de "novo pacto afetivo". O que é que o senhor acha?

AB - Uma vez veio um casal me consultar e trouxeram uma amiga junto. A moça era que nem casa de esquina, dava pros dois lados. Já fiquei aqui, massageando meu fumo e cuidando a trinca. Os três se acomodaram no divã e começaram a charlar. Bandalheira vai, bandalheira vem, descobri que estavam com um problema. A tal de avulsa conhecera um sargento da brigada, Salustiano, vulgo Barril, e queria levar o bicho pra morar com os três porque ele era autêntico, entende? Os outros ficaram com ciúmes, mas logo se deram conta que ciúmes era uma recaída burguesa e careta e estavam confusos. O que é que eu achava? Virei o divã com um pontapé e corri com os três a tapa. Sou a favor de uma nova moral, mas pouca vergonha, não!

Coojornal - E a tal de maconha? O senhor aprova a sua liberação?

AB - Aprovo, porque não há como controlar. Ouvi falar que tem gente alimentando boi com cogumelo alucinógeno e depois fumando a bosta seca. É como dizem na minha terra; pra besteira e financiamento do Banco do Brasil, sempre se arranja um jeito.

Coojornal - Já se sabe que existe uma revolução de costumes. Ela só atinge a classe média ou o proletariado também entrou nesse reboiço?

AB - Pela minha clientela do INPS, posso dizer que a peonada também foi atingida nos seus costumes. O costume de comer, por exemplo.

Coojornal - E a técnica do joelho, como foi descoberta?

AB - Aprendi com um médico dos meus tempos de piá. Quando a gente dizia que tava com dor de ouvido, ele dava um beliscão no braço até a gente gritar; "To com saudade da dor de ouvido." Também apresentei a tese do joelho num congresso de psiquiatria. Os bundinhas quase desmaiaram. Sou um pioneiro na sua aplicação na psicanálise.

Coojornal - O Império dos Sentidos bateu todos os recordes de permanência em

cartaz aqui em Porto Alegre. Será que a gauchada já perdeu a vergonha?

AB- Fui ver O Império dos Sentidos. Sentou uma piguancha do meu lado e no meio do filme nós estávamos num roçado lindo no más. Na saída eu perguntei se ela não queria continuar o filme lá em casa. Ela disse: "Querer eu quero, mas onde é que a gente vai conseguir os japonês?"

Coojornal - Como o senhor explica o fato do seu conterrâneo Milito, mais conhecido como general Garrastazu Médici, não tê-lo convidado para suas bodas de ouro?

AB - Não me importei. Nossas famílias não se davam. Quando anunciaram que um filho de Bagé era o mais novo presidente da Revolução, meu pai observou: "Bem feito, quem mandou sair daqui?"

Coojornal - É a tal história de poder e sexo? Dizem que quem tem o primeiro não faz o segundo. Qual é a sua opinião?

AB- Pelo contrário, tchê. O poder é estimulante. Quem tá no governo tem sempre tesão de seminarista. Só muda o objeto da paixão do homem. Em vez da mulher dele, é a nossa paciência.

Coojornal - Qual a sua opinião sobre Fernando Gabeira?

AB - O Fernando Gabeira me lembra um causo. Lá em Bagé tinha um bolicho chamado Bago's. Era onde a indiada se reunia pra coçar o sacó, tomar cana com pólvora e contar história de pelotense. Se passasse homem bem barbeado pela porta, lá vinham os assobios e os gritos de "Aí, Rosinha" ou "Tá passando o Bambi". Mas volta e meia aparecia um moço no bolicho. Bota de salto alto, cabelo mechado, brincos e passinho de quem não quer peidá. Entrava, ia até o balcão e tomava uma Fanta uva com o dedinho levantado. E a indiada quieta. Aí o moço rodopiava e saía. E, se alguém estranhasse aquele respeito com o veado, ouvia logo a explicação: para entrar ali daquele jeito, o cara tinha que ser macho. Muito macho.

Coojornal - Uma pergunta de analista: como foi a sua infância?

AB - Uma infância normal do interior. O que eu não aprendi dentro do galpão, aprendi atrás do galpão.

Coojornal - O senhor já sentiu um bafo quente na nuca? Como reagiu?

AB- Já senti, sim. O bafo da tua mãe, que erra ou de lado. Tu só não leva um joelho porque é da imprensa nanica e eu não sou prevalecido.

Coojornal- Calma, calma. Qual a influência da bombacha no machismo gaúcho?

AB- A maior ameaça aos machos do Rio Grande, de bageense até marchand de tableau, são esses tais de gins. O gaúcho é o que é porque a bombacha dava espaço. Uso bombacha até no consultório. Quando a ocasião é social uso as de enfeite do lado. Mas nada que brilhe, senão já é bichice. Pra apertar meus fundilhos, só mão de china.

Coojornal - E agora a última pergunta: o que a Sociedade Psicanalítica de Bagé vai achar desta entrevista?

AB - A Sociedade Psicanalítica de Bagé se reúne semanalmente no CTG Rincão da Sublimação Consciente, o único lugar do estado em que mancha de gordura na toalha de papel é interpretada na hora. Eles me consideram uma rês desgarrada porque sou muito radical. Só não me expulsaram ainda porque querem me capar antes.

Honra

O analista de Bagé se declarou "freudiano de cola decalcado" e "mais ortodoxo que Caximir Buquê", mas isto não o impede de experimentar com novas formas de terapia. Como no caso da mulher do compadre Salustiano.

Contam que um dia o compadre Salustiano entrou no consultório, segundo o analista de Bagé, como mata-mosquito em convento. Causando alvoroço. Eles há tempo não se viam.

- Guasca velho!
- Cachorrão!
- Índio bem loco!
- Seu bosta!
- Animal!
- Desgraçado!

E se atiraram um nos braços do outro, com tanta força que a Lindaura veio ver se não tinha móvel quebrado. Depois o analista de Bagé mandou o amigo se deitar no divã e desembuchar, que era de graça. O Salustiano reagiu.

- Epa. Tá me estranhando, compadre? O problema é com a Rosa Flor.
- O que tem?
- A Rosa Flor quer ir pro Rio.
- Ir embora do Rio Grande? Mas enlouqueceu.
- Pos é. Diz que não agüenta mais vê campo. Quer ver o mar.
- Mas ela não sabe que mar é igual a campo, com a desvantagem que afunda?
- Sabe, mas não adianta. Aquela, quando decide ir pra um lugar, é como cachorro de cego. Só matando.
- Escuta aqui, tchê. Tu deste um tranção nela?
- Dei tranção, dei laço, cheguei até a pedi. Foi como mijá em incêndio.
- Cosa, seu. Tu sabe que mulher que vai pro Rio já desce na rodoviária falada.
- E não sei?
- Me manda ela aqui.

A Rosa Flor, a princípio, não quis dizer nada. Ia para o Rio e pronto. O analista de Bagé abriu um volume do Freud para consulta. Era ali que guardava, numa folha de caderno de armazém, escritas a toco de lápis, as máximas do velho Adão, seu pai. Encontrou um precedente: "Pra amarrar cavalo no campo e mulher em casa, só carece de um pau firme." Deitada no pelego, a Rosa Flor confirmou com a cabeça quando o analista perguntou, sutilmente, se

o compadre não passava mais a lingüiça na farinheira. Era verdade. O analista botou uma mão na cabeça. Aquilo era a pior coisa que pode acontecer com um gaúcho, fora cair do cavalo ou a filha casar com nordestino. Com a outra mão, começou a desabotoar a braguilha. Fazia qualquer coisa por um amigo.

Ficou combinado que a Rosa Flor teria sessões duas vezes por semana e desistiria daquela história de ir para o Rio, o compadre Salustiano podia ficar descansado. A honra da Rosa Flor estava salva.

Argumento

O analista de Bagé sustenta que não existe gaúcho homossexual, embora, como diz, "quem não nasceu em Bagé ta se arriscando". O que existe, segundo o analista, "é quem não sabe se vai ou não vai, como cavalo xucro pra cruz-sanga". Estes precisam de um "empurrãozito, no más", na direção certa. Foi o caso do compadre Clarindo.

Pois contam que quando o analista de Bagé estava recém-formado foi chamado para atender um paciente numa estância. Como era freudia no de dormir com o regulamento, sugeriu que levassem o vivente ao seu consultório. Mas neste caso - disse o peão que levou o recado - não seria possível. O paciente não podia saber que ia ser atendido.

Na charrete para a estância, o peão deu mais algumas informações sobre o caso.

- É o compadre Clarindo...

- O que tem?

- Pues não é que deu pra se vestir de prenda?

Na estância, o analista de Bagé foi apresentado pros de casa e pros de perto, seis homens e cinco gurias, e depois perguntou:

- E o compadre Clarindo?

- Tu acaba de cumprimentar...

Era uma das gurias. O analista de Bagé bem que tinha estranhado os bigodes. Foi conversar com o dono da estância e o capataz. Os dois elogiaram muito o compadre Clarindo, índio louco de especial, gaúcho tipo exportação, mas que tinha dado para aquelas coisas. Ninguém queria falar nada pra não melindrar o moço. Podia achar até que estavam pensando que ele era veado. Naquela noite, houve uma churrasqueira e um baile pro doutor e foi depois de dançar uma marca com o compadre Clarindo que o analista de Bagé convidou:

- Vamos até lá fora, tchê?

Conversaram muito embaixo da figueira e teve uma hora em que os dois desapareceram nuns matos. Quando voltaram, o compadre Clarindo foi i correndo trocar a roupa de prenda pelas bombachas. O analista de Bagé foi

cercado. Como conseguira o milagre?

- Bueno. Charlamos um pouco. Ele me contou que achava roupa de prenda mui lindo e que seu sonho era usar tranças, tchê. Daí eu disse: "Tem que agüentar a outra pa rte." Aí ele perguntou: "Que outra parte?" Fomos até o mato e eu expus meu argumento... Aí ele saiu correndo.

- Deve ser um argumento e tanto.

- Modéstia à parte.

Hoje o compadre Clarindo está aí, emprenhando at é china de fiscal de Receita. Ainda tem uns hábitos meio estranhos, é verdade. Mas as tranças loiras até que combinam com o bigode preto.

Cuia

Lindaura, a recepcionista do analista de Ba gé - segundo ele, "mais prestimosa que mãe de noiva" -, tem sempre uma chaleira com água que nte pronta para o mate. O analista gosta de oferecer chimarrão a seus pacientes e, como ele diz, "charlar passando a cuia, que loucura não tem micróbio". Um dia entrou um paciente novo no consultório.

- Buenas, tchê - saudou o analista. - Se abanque no más.

O moço deitou no divã coberto com um pelego e o analista foi logo lhe alcançando a cuia com erva nova. O moço observou:

- Cuia mais linda.

- Cosa mui especial. Me deu meu primeiro p aciente. O coronel Macedônio, lá pras banda de Lavras.

- A troco de quê? - quis saber o moço, chupando a bomba.

- Pues tava variando, pensando que era metade homem e metade cavalo. Curei o animal.

- Oigalê.

- Ele até que não se importava, pues poupava m ontaria. A família é que encrencou com a bosta dentro de casa.

- A la putcha.

O moço deu outra chupada, depois examinou a cuia com mais cuidado.

- Curtida barbaridade. - Também. Mais usada que pronome oblíquo em conversa de professor.

- Oigatê.

E a todas estas o moço não devolvia a cuia. O analista perguntou:

- Mas o que é que lhe traz aqui, índio velho?

- É esta mania que eu tenho, doutor.

- Pos desembuche.

- Gosto de roubar as coisas.

- Sim.

Era cleptomania. O paciente continuou a falar, mas o analista não ouvia mais. Estava de olho na sua cuia.

- Passa - disse o analista.
- Não passa, doutor. Tenho esta mania desde piá.
- Passa a cuia.
- O senhor pode me curar, doutor?
- Primero devolve a cuia.

O moço devolveu. Daí para diante, só o analis ta tomou chimarrão. E cada vez que o paciente estendia o braço para receber a cuia de volta, ganhava um tapa na mão.

Complexo

O analista de Bagé recebe seus clientes de bombacha e pé no chão, nunca deixa de oferecer um chimarrão "pra clarear a urina e as idéia" e o divã do seu consultório é coberto com um pelego. Tudo isto é verdade. Mas algumas coisas que contam sobre o analista de Bagé são inventadas.

Como ele mesmo diz, "tão botando mais coisa na minha boca que água em pirão de quartel". Não é verdade que as suas sessões de análise e em grupo virem fandango e que ele as chame de "freudango", ou "arrasta-trauma". Ele se declara "mais ortodoxo que café spirina e braguilha com botão". Só o que fez foi mandar sua recepcionista Lindaura ("uma china que eu tava criando pra cruzar mas passou do ponto") acompanhar as sessões com o seu acordeom de madrepérola, "tão chique que em vez de bai xo tem gaffe". Mas é claro que se alguém quiser dançar, desde que seja mantido o respeito, pode. Outra idéia do analista de Bagé foi promover jogos de futebol de salão entre os seus grupos de análise. Jogam os sádicos num time e os masoquistas no outro. Assim, o jogo pode ser violento que ninguém se importa.

Mas o analista de Bagé não descuida dos seus clientes individuais. Outro dia recebeu um que teve que ser empurrado para dentro do consultório pela Lindaura.

- Mas que índio más xucro - disse o analista, puxando o moço pelo braço.
- Ele diz que não quer tirar o seu tempo - disse a Lindaura.
- Mas tu não ta tirando, tchê. Ta comprando.
- Mesmo assim... - disse o moço, humildemente.
- Não te fresqueia e deita.
- Mas...
- Deita! - ordenou o analista, ajudando-o a se decidir com um empurrão. - Aceita um mate?
- Quem sou eu.

- Mas tu parece cascudo atravessando galinheiro, tchê. Qual é o causo?
- É uma bobagem...
- Desembucha.
- É que eu tenho este complexo...
- Sei.
- O senhor vai até achar engraçado.
- Engraçado é gorda botando as calça. Fala logo que eu tou com a salinha cheia de louco.
- É um complexinho.
- To ouvindo.
- Fico até envergonhado. Tanto complexo grande por aí...
- Fala, animal!
- Meu complexo, coitado, é de inferioridade.
- E tu quer ser curado, no más.
- Se não der muito trabalho...
- Olha aqui, ó bagual. O que tu tem é vaidade.
- Eu?
- Mais vaidoso que guri em chineiro. Conheço gente inferior aos monte. Inferior como tu.
- E daí?
- Daí que nenhuma pensa que é doença!

Sanfona

Embora se declare um freudiano "mais ortodoxo que suspensório e pastilha Valda", o analista de Bagé tem experimentado com novas técnicas que, eventualmente, podem ser adotadas por outros analistas. Foi dele, por exemplo, a idéia de fazer análise em grupo com sanfona. E se algum paciente quiser, em vez de falar, trovar, "pos que trove". O analista de Bagé responde em cima. Foi o caso daquele moço que começou: "Tenho medo do escuro qualquer coisa me dá ânsia. Fujo da sombra do muro, do preto quero distância. Suo frio e desconjuro... Isso é trauma de infância?" Ao que o analista de Bagé respondeu: "Isso é trauma de infância, mas não é a explicação. Conheço piá de estância que monta em bicho-papão. Não tem segunda instância: tu é que é um grande cagão."

Teve aquela paciente que cantou: "O meu marido me ama,
mas regrediu, caso feio.

Trouxe de casa o Autorama
e a sua mãe também veio.

Quando me leva pra cama
sempre põe a mãe no meio.

E o analista: "Sempre põe a mãe no meio,
essa não é uma boa.

Tu deve andar com receio
que nem velha em canoa.

Diz pra ele que o Édipo Rei, ó...
acabou cego e rindo à toa."

Um cantou: "Pra macho que usa espora,
china é lenço de papel.

Sempre usei e joguei fora
e comia como mel.

Não sei o que houve agora
ou virei veado ou pinel."

E o analista: "Ou virou veado ou pinel
e foi muito merecido.

Mulher não foi feita no céu
pra guasca assim ser servido.

Não é lenço de papel,
ela é lenço de tecido."

Lindaaura

Contam que o analista de Bagé não está muito contente com sua recepcionista Lindaaura porque, segundo diz, "ela é como trigo: lindo de se vê, mas só dá uma vez por ano". Mesmo assim, não a substitui porque a Lindaaura "é esperta que nem gringo de venda" e sabe o que fazerem qualquer situação. Embora goste de dizer que "mulher só serve pra três coisas e pras outras duas tem diarista", o analista de Bagé reconhece que deve até sua vida a Lindaaura. Como no caso da prenda de botas.

Pues diz que entrou uma mulher no consul tório pisando mais firme que delegado novo em chineiro. Abriu a porta num trancaço, parou com as pernas abertas e as mãos na cintura e gritou:

- Buenas!

O analista de Bagé ficou de pé num salto de assustar cusco e também gritou, mais grosso ainda:

- Buenas!

Ficaram os dois se estudando em silêncio. Aí ela levou a mão atrás e tirou uma faca do cinturão. O analista de Bagé pegou o facão, deu um chute no banquinho e recuou até a parede. Desafiou:

- Vem que aqui tem homem. E da fronteira!

Mas a mulher pegou um rolo de fumo de dentro da bombacha e uma palhinha de trás da orelha. Começou a picar o fumo, olhando para o analista por baixo das sobancelhas grossas.

- Quero me analisá! - gritou.

- Pos se apeie e deite no divã!

Ela olhou para o divã coberto com um pelego. Depois voltou a encarar o analista. Acabou de enrolar o cigarro e botou num canto da boca. Disse:

- Não me deito pra homem nenhum.

- Pos de pé eu só analiso cavalo.

Novo silêncio enquanto os dois se estudavam. Ela apontou para a ponta do palheiro e disse:

- Tem fogo?

- Pra mim mulher que pita, se não é francesa, é piguancha.

- Francesa eu não sou.

- já vi pelo sotaque.

- E piguancha é a tua mãe.

Atracaram-se. Rolaram pelo chão. Ela acabou por cima, com um joelho sobre o peito do analista. Ele perguntou:

- Como é que tu ficou desse jeito, tchê?

- Um trauma.

- Pois toma outro.

E acertou um manetaço no lado da cabeça dela. Ela rolou para baixo do divã. Levantou com divã e tudo e veio, agora para liquidar. Foi quando o laço da Lindaura cruzou os ares e a imobilizou. O analista de Bagé e a Lindaura amarraram a mulher juntos, mas tiveram que chamar o zelador para colocá-la no divã. Sobravam trinta minutos para a análise, mas o analista cobrou os cinquenta, de vingança, porque ainda estava com a paleta dolorida.

Depois que a mulher saiu, ainda ouvindo os passos das botas dela no corredor, o analista de Bagé, excitado com a briga, disse para a Lindaura:

- Te deita no divã.

Mas a Lindaura não transigiu:

- Só no Natal.

O depoimento do analista de Bagé

Existem tantas histórias por aí sobre o analista de Bagé - suas origens, sua vida particular, seus métodos de trabalho - que fica difícil separar a vida da realidade. A sua terapia do joelho é, como diz o próprio analista, "mais comentada que vida de manicure". Já existe, inclusive, uma escola de psicoterapia que adotou o joelho, chamado nos Estados Unidos de BSM, ou "Bage Sensitization Method", embora o analista adira ao fato de que ele só deve ser aplicado por um especialista, "para não confundir (TM(ver Glossário) o vivo (U". Dependendo da versão, o analista tem seu consultório em Bagé mesmo, em Porto Alegre ou no Baixo Leblon. Segundo alguns, ele teria abandonado a profissão e estaria vivendo em Ipanema com uma artista da Globo. Outros dizem que ele se aposentou e vive numa estância de Bagé com sua recepcionista Lindaura - que agora não recebe mais, só dá - e se ocupa em contar suas memórias em livro, quando não está contando seu gado. Onde está, afinal, a verdade? Onde está o analista? Como ele desenvolveu a terapia do joelho? Como vive, como ama, o que pensa?

Acho que posso acabar com todas estas dúvidas. Tenho um depoimento do próprio analista de Bagé contando tudo. É verdade que sempre existe o risco desta ser apenas mais uma versão. Mas, como diz o próprio analista, cripticamente, "a verdade é uma mentira que aconteceu". Ou coisa parecida. O depoimento do analista começa com um comentário sobre a sua fama de grosso.

"Grosso é o intestino, que vive dando cagada. De grosso só tenho, aqui, o pirata de barba negra e um olho só (#. Te fresqueia! Tenho é aquela franqueza que já nasce com o bageense, junto com a cuia (Y" e as esporas. Digo o que tenho que dizer e o último desaforo que levei pra casa foi a minha mulher."

Sobre a terapia do joelho, ele explica:

"Se algum paciente vem com muita história, eu digo logo que lengalenga é conversa de japonês. Gosto de ir direto ao carvão da questão (TM. Foi por isso que desenvolvi a terapia do joelho. Sou freudiano de carteirinha assinada. Mais ortodoxo que pijama listrado. Mas gosto de experimentar, porque paciente que cai no meu pelego (U sai curado nem que ele morra. Eu já tava até os cornos de tanta gente se queixando de angústia existencial, da indiferença do universo, do terror do infinito. Meu pai, o velho Adão, sempre me dizia pra não me preocupar com o infinito porque o infinito ficava pra lá de Lavras. Em Bagé não tinha angústia existencial e como em Bagé nunca teve fresco... Fui me encontrando com aquela fileira de desocupados que só pensavam no universo como se o universo fosse tudo. Um dia me entrou um índio com cara de quem preferia não ter nascido e eu não me segurei nas bombacha. Fui lá e lhe apliquei um joelho. Bem ali onde tudo começa e tudo se resolve. O índio velho se dobrou como um canivete. Levei ele pro pelego com jeito. Ofereci um mate. Ele disse:

- Aahhnn.

Queria dizer não se moleste (#). Depois que conseguiu falar, começou aquela cantilena, más chato que padre da colônia (Y. Porque era finitude humana, porque era o absurdo da existência, porque era o vazio cósmico, porque a terra não va lia nada... Aí eu entesei que nem seminarista no Sábado (TM).

- Pêra1 ó bagual (l), tu ta falando da minha terra.

- Mas a terra é uma titica (#) de galinha - disse ele.

- Titica é tu e galinha é a tua mãe - argumente i. - A terra é muito melhor que muito desses planeta que andam se rebolando por aí feito chin a de delegado (l). Marte é só pedra. Vênus é um lixo. Saturno ta mais cheio de gás que alemão em fim de kerb (,,). A terra tem tudo que um cristão precisa: oxigênio, mulher ancuda, mogango (E) com leite gordo...

Mas o índio não se convenceu. Disse que sentia um aperto na garganta cada vez que pensava no infinito e que aquela era a pior sensação que um vivente podia sentir.

- É pior que fome, desgraçado? - perguntei.

Ele pensou um pouco e disse:

- E.

Aí eu cheguei o banquinho pra perto e perguntei:

- É pior que joelhoço?

Não era. A partir daí ele começou a pensar melhor nas cosas. Abandonou a angústia e decidiu aproveitar a vida. Deu um desfalque na firma e todos os anos me manda um cartão do Taiti. Desde então tenho usado a terapia do joelhoço com sucesso. Só não recomendo com masoquista porque masoquista vai pelo joelhoço, não pra ser curado.

Uma vez, num congresso de psicanalista em Paris - que é uma espécie de Bagé com metrô -, me perguntaram de onde tinha saído a idéia do joelhoço e eu contei. Tinha reunido alguns dos maiores psicanalistas do mundo no meu quarto no hot el, feito um fogo de chão e a indiada tava ali, passando a cuia e mentindo más que guri pra en trarem baile. E eu contei a história do meu tio Lautério, que era médico.

Pues cada vez que alguém lá em casa adoecia, chamavam o tio Lautério. Até hoje ninguém sabe direito qual era a espe cialidade dele, mas era chamado pr a tudo, desde mordida até enfarte. Tinha um metodo que simplificava tudo. Pra do ença que começava com consoante, receitava lavagem. Pras que começavam com vogal, como angina ou icterícia, receitava emplastro. E dava certo, porque na minha família só se morria de briga em bolicho ("). Pues um dia eu, que era tão piá (œ) que ainda ficav a na ponta dos pés pra mijar em penico, tive uma dor de ouvido. Chamaram tio Lautério. Ele chegou e me encontrou chorando. A primeira cosa que disse foi pra me consolá:

- Deixa de ser veado (œ), ó cagão.

Mas tava doendo demais e eu não parei de chor ar. Aí ele começou a me dar um beliscão. E perguntava:

- O que tá pior, o ouvido ou o beliscão? E eu berrava:

- É o ouvido!

Depois:

- Tá empatado!

E depois:

- É o beliscão!

Aí ele apertou mais até que eu gritei:

- Tô com saudade da dor de ouvido!

Me lembrei do tio Lautério quando decidi instituir o joelho. Porque a verdade é que tem muito paciente que acha que o umbigo dele é o centro do mundo, quando todo mundo sabe que é Bagé. Então o vivente tá com dinheiro na poupança, come todos os dias, tem uma amante chamada Suzete, e mesmo assim fica remoendo lá dentro, catando angústia como passarinho bicando bosta. Um bom joelho sacode as coisas e restabelece as prioridades. Afinal, nestes tempos que estamos atravessando, meio de bandida como Aero Willys em lodaçal, quem tem dinheiro pra pagar uma análise devia se envergonhar de procurar um analista. É claro que a psicanálise não tem culpa de ser uma coisa de elite, uma espécie de pólo mental. Não foi ela que fez o mundo assim, arrevesado (¬) barbaridade. Mas quando dá razão a quem diz que tudo tem que ser resolvido lá dentro de cada um, e não a quem fora no social, ela até que é cúmplice. Como dizia o meu pai, o velho Adão: gengiva não morde mas segura os dentes."

Onde é que o analista de Bagé tem seu consultório?

"Pues sou bairrista barbaridade. Só sei viver com conterrâneo. No meio de gaúcho me sinto como bebê no peito: tudo que eu preciso tá à mão. Gosto de estar rodeado de gaúcho como braseiro de galpão. Por isso moro no Rio de Janeiro.

Abri um consultório no Baixo Leblon - que é um tipo de Bagé com manobrista - e tô com uma clientela louca de especial, e especial de louca. Se eu estranhei um pouco a mudança? Bueno, no princípio, me mangueavam as roupas e ficavam olhando pras minhas bombachas como se eu tivesse sem. Aí eu ameaçava botar mesmo o pirata pra fora ou sair no manetaço (´) e a indiana se apeanava. Que mal há em ir de bombacha à praia? Pra entrar no tal de mar eu só tiro o lenço encarnado, que coisa sagrada não se lava com sal. No meu primeiro dia na praia de Ipanema veio um guasca (¬), mais cabeludo que o caso do Riocentro, e disse:

- Ó cara, qual é a do narguilé?

- Que narguilé, tchê?

- Não desvia, xará. Deixa eu traga o teu barato que eu tô sem nenhum. Tô puxando até espiral Boa-Noite, falou? Solidariedade, cara. Somos tudo polonês. Pô não é que o peludo quis me tirar a cuia da mão, o que pra gaúcho equivale a xingar a mãe e o Bento Gonçalves juntos? Dei-lhe um trompaço (´) que derr

ubou gente até o Arpoador, pôs a praia estava cheia.

Tive problemas com a Lindaura. A chinoca me inventa de aparecer no consultório de gins, com o rabo más apertado que as classe de baixa renda. Mandei ela tira as calças ali mesmo e já levei pros pelego, que não posso ver cavalo encilhado ou mulher de bunda solta sem montar. No segundo dia de Rio, a Lindaura já estava chiando feito locomotiva, tchê. Proibi. Na minha terra, mulher que fala chiado ou com erre muito carregado, se não é defeito, é desfrute.

O que dá de piguancha (¼) ne ste Rio de Janeiro! Teve uma que veio me vê porque nunca tinha tido um orgasmo. Até me perguntou como era. Respondi:

- Sabe quando a água do chuveiro sai fria e a gente chupa a respiração e faz "ohaaãooaãum"?

- Sei.

- Pos é assim.

- E a gente fica toda molhada?

- Más o menos...

Ela não entendeu a teoria e passamos à prática, que comigo é na paleta. Teve quatro, mas eu só cobre dois.

No Rio tudo é exagerado. Me apareceu um vive nte com o maior complexo de Édipo que eu já vi. O índio velho queria ir pra cama com a mãe e duas tias.

Queriu dinamitar o pai. O tratamento foi difícil, mas acho que no f m consegui cont rolar o animal. Na última sessão, fiz um teste, sutilmente.

- Tu quer comer a tua mãe?

- Eu não!

- Tem certeza?

- Tenho.

- Alguma pergunta?

- Tenho.

- Qual?

- Bolinar, pode?

Outro era megalomaniaco. Um gaúcho que também tinha se mudado pro Rio. Chegou dizendo:

- Vou ser governador deste troço.

- Te deita, tchê - disse eu, tentando controlar minha paciência. A gente tem que agüentar cada um...

Também foi um tratamento difícil barbaridad e. Não chegou a terminar. Ele não me apareceu mais. Não sei se este eu domei ou não."

Glossário

1. Rengued: Renguear, fazer ficar rengo, manco, co mo "tava um frio de

rengueá sentinela" ou "tava um calor de rengueá sorveteiro".

2. Vivente: Pessoa. Viva, naturalmente.

3. Pirata de barba negra e um olho só: Imag em obscura, de sentido duvidoso.

Talvez uma referência ao lado negativo que todos nós carregamos no íntimo. 4.

Cuia: Cabaça que contém o mate do chimarrão.

5. Carço da questã: Âmago da questão.

6. Pelego: O couro e os pêlos da ovelha, usa do no Sul como tapete ou revestimento. Muitos gostam de fazer amor sobre um pelego. É sabi do que alguns fazem isto sem tirar o pêlo da ovelha.

7. Não se moleste: Não se incomode.

8. Padre da colônia: Padre da re gião colonial, italiana ou alemã, do Rio Grande.

Seus sermões, se pudessem ser engarrafados, seriam vendidos como estupefacientes.

9. Seminarista no sábado: Referência inexplicável.

10. Bagual: Cavalo arisco.

11. Titica: Fezes de galinha.

12. China de delegado: China de delegado.

13. Alemão em fim de kerb: "Kerbs" são festas realizadas na colônia alemã.

Geralmente duram mais de um dia, com grande consumo de cerveja e comida de alta fermentação.

14. Mogango: Um parente próximo da abóbora, mas os dois não se falam.

15. Bolicho: Bar, bodega.

16. Piá: Menino.

17. Veado: Homossexual.

18. Arrevesado: Atravancado, trocado.

19. Manetaço: Um joelho com a mão.

20. Guasca: Gaúcho, mas no mau sentido.

21. Trompaço: Joelhaço geral.

22. Piguancha: Puta, no bom sentido.

Pelego

E sabido que todo psicanalista deve, ele mesmo, fazer análise antes de começar a analisar os outros. Segundo o analista de Bagé, isto acontece pela mesma razão que um cirurgião desinfeta as mãos "antes de mexê em tripa alheia" e para "o vivente descobri se não ta na profissão só pra ouvi bandalheira". O próprio analista de Bagé precisou se analisar, mas não passou da primeira sessão e teve que ser contido para não cumprir sua ameaça de sangrar seu analista, porque "esse aí só serve pra morcilha".

- Mas morcilha de sangue de gente não presta.

- Então não serve pra nada!

Nunca se soube muito bem o que houve durante a sessão, mas por muito tempo o analista de Bagé só se referia ao outro como "más bisbilhoteiro que filho de

empregada".

A solução foi o próprio analista de Bagé se auto-analisar. Ele mesmo conta que foi um pouco cansativo ficar pulando do banquinho para o pelego e do pelego para o banquinho durante cinquenta minutos, mas valeu a pena.

- Hoje me conheço de me tratar por tu e dividi palheiro, tchê.

Ninguém esteve presente, é claro, mas foi possível fazer uma razoável reconstituição do diálogo entre o analista de Bagé e ele mesmo, logo depois da formatura.

- Mas então, tchê?

- Pos to aqui.

- Que venham os loco?

- Que venham os loco que eu reparto de pechada, tchê.

- Oigalê!

- Por Freud e Silveira Martins.

- Oigatê!

- Se corcoveá, eu monto.

- E dá de relho.

- Bueno, de relho não. De relho, só cavalo aporreado e china respondona.

- Guasca velho! E tu não tem nada pra botar pra fora? Recalque, complexo ou arrotto?

- Mas o que é isso, índio velho? Tu sabe que bageense é como vitrine de belchior, ta tudo ali na frente. Escondido só bragueta de gordo.

- Não é como essas outra raça.

- Pos não é. Tem raça que é que nem cestinha de morango. Por baixo é tudo podre.

- Bueno, se todo mundo fosse gaúcho, ser gaúcho não era vantagem.

- E ia faltar mate.

- Deus fez os outros primeiro e o gaúcho quando pegou a pratica.

- Por isso é que tem tanto índio desajustado.

- Teu trabalho é cura esses desgarrado.

- E tu acha que eu to pronto, tchê?

- Mas tu ta virando carvão, tchê! Salta daí e vai trabalhar.

Delírios

O analista de Bagé às vezes se cansa da profis são - "O que me aparece de louco, tchê!" -, mas sempre diz que consultório de psicanalista, em matéria de ti pos humanos interessantes, é "más variado que a baldeação em Cacequi". Só é preciso ter um pouco de paciência. Como na vez em que a Lindaura introduziu no consultório um homenzinho que se apresentou como "João Figueiredo" e em seguida se identificou: "Presidente".

- Buenas. Se abanque, no más.
- Qual é a sua patente? - perguntou o homenzi nho, recusando-se a deitar no divã coberto com um pelego.
- Pos é daquelas branca, tchê. Não reparei na marca.
- Digo, patente militar.
- Dei baixa como cabo.
- Fique sabendo que nem o ministro da Guerra manda em mim.
- Mas eu sou do FMI! - disse o analista, levantando o homenzinho e atirando-o em cima do divã.

Foi um caso difícil e no fim do tratamento o homenzinho se declarou curado do delírio de grandeza. Disse que seu nome era Pinto e trabalhava com miudezas. Mas na saída, depois da última sessão, agradeceu ao analista efusivamente e, puxando-o por um braço, segredou:

- Escuta. Quem vai escolher o meu sucessor sou eu. Se você quiser...
- O analista puxou o homenzinho de volta e o atirou de novo no pelego. Quando a Lindaura veio ver o que estava acontecendo, encontrou o analista arregaçando as mangas. Ele perguntou:
- Quem é o próximo?
 - Um Édipo salteado que não larga avó. - Suspende!

* * *

Outra vez um paciente com alucinação não chegou nem a começar o tratamento. Entrou no consultório e dali a pouco foi posto porta afora pelo analista, aos gritos de "Te enxerga, ó bosta!".

- O que foi? - quis saber a Lindaura.
- Esses loucos tão se passando...
- Esse disse que era quem?
- O Freud!

E ficou resmungando.

- Mas não respeitam mais nada!

Boato

AS pessoas gostam de imaginar coisas. Quando foi anunciado que a princesa Diana da Inglaterra estava com uma doença nervosa que a fez emagrecer, e como o analista de Bagé foi visto no aeroporto do Rio de Janeiro embarcando num vôo internacional com sua garrafa térmica, logo surgiu o boato de que os dois fatos tinham ligação. Segundo o próprio analista, "pra boato e briga em bolicho, basta um cochicho". A propósito, o analista de Bagé realça a importância sociológica da garrafa térmica, que aumentou em muito a mobilidade do gaúcho - já que chaleira e lenha vermelha são difíceis de carregar

- e é hoje a segunda maior responsável pela evasão de gaúchos para outros estados, depois do governo.

Dizem que, apesar de um problema na alfândega de Londres - os pelegos e o fumo em corda foram confiscados para exame pelas autoridades sanitárias e o facão ficou - o analista de Bagé foi recebido "como vipe, tchê" e levado às pressas para o palácio, já que sua viagem fora a pedido da família Real. Qual teria sido a sua impressão de Lady Di?

- Aquilo é potranca pra três guri e uma guaiaca. Quando a gente pensa que tá terminando, ainda tem mais. Oigalê raça troncuda!

Mas o analista de Bagé observava que a boa estrutura óssea da moça salta, literalmente, aos olhos, porque de carne não tinha mais quase nada. Aliás, recorreram ao analista de Bagé quando o último recurso, a acupuntura, foi descartado por falta do que espetar. Embora a sua crescente reputação internacional, o analista de Bagé só é chamado no fim de uma escalada bem definida: medicina convencional, curandeirismo, acupuntura e ele.

De acordo com o boato, antes de falar com a paciente, o analista de Bagé teria pedido um exame físico para investigar a possibilidade de que a tristeza da princesa tivesse alguma causa anatômica.

- Impossible, sir. Nenhum homem pode examinar o corpo da princesa, muito menos um plebeu e muito menos de Bagé.

- A princesa não. O príncipe.

No fim, ainda segundo a fantasia das pessoas, o analista de Bagé, depois de ouvir a princesa contar seus problemas, suas angústias e inquietações, teria diagnosticado: "Frescura." E teria receitado uma dieta específica. Com alguma dificuldade, pois seu inglês é da fronteira. Quer dizer, igual ao espanhol, só com o agá mais aspirado.

- Foi más duro que ferra cavalo de estátua, tchê. A indiada não queria entendê o que é mogango com leite gordo!

Raízes

Pouco se sabe da vida pregressa -- ou "os antes", como ele mesmo diria - do analista de Bagé. Embora hoje tenha consultório na cidade grande e só atenda neuróticos importantes, cobrando muito e por minuto - segundo ele, "que é pra ninguém se aboletar e inventar de passar o dia" -, o analista de Bagé teve um começo difícil. Contam, inclusive, que ele percorria o interior do Rio Grande do Sul numa charrete, com um divã portátil, oferecendo tratamento de porta de estância em porta de estância.

- Buenas!

- Como lê vai?

- Par aí, gauderindo más que cigano e candidato.

- Pos se apeie e tome um mate.

- Pos aceito. Sou como china passada, não ar reganho convite. E tou com a

goela más seca que penico de cego.

- Oigatê. O amigo vende o quê?

- Pos sou psicanalista, tchê.

- Oigatê. Por aqui já apareceu até maranhense. Psicanalista é o primeiro.

- Sou freudiano e não renego.

- Freudiano, então, nem se fala.

- Será que não tem na casa alguém precisa ndo de uma sessão? Cinqüenta minutos e aceito pagamento em charque.

- Pos a Orestina...

- Que tem?

- Anda com riso frouxo.

- Sei.

- Ri sozinha.

- Que cosa.

- Qualquer cosa, se arreganha.

- Não é cócega?

- Pos não é.

- Que idade tem a bicha?

- Dezessete.

- Essa não tem nada.

- Mas ri até de topada.

- É da idade.

- E ela não corre perigo?

- Só de engravidá.

Ao contrário do que se pensa, o analista de Bagé mantém-se a par de todos os desenvolvimentos na área da psiquiatria, embora se declare "freudiano de oito costados" e "más ortodoxo que pomada Minâncora". Ele tem uma boa e atualizada biblioteca que consulta com freqüência. Sempre que pega um caso mais difícil, no entanto, o analista de Bagé recorre a um grosso volume em alemão na estante do seu consultório. É entre suas páginas que guarda, escritas a toco de lápis em folhas soltas de um caderno de armazém, as máximas do seu pai, o velho

Adão. Quando, diante de um caso "dos encroado", o analista de Bagé se vê "más apertado que jeans de fresco", as máximas do velho Adão muitas vezes sugerem uma saída. Eis algumas delas:

"Mate e china, quanto mais novo, mais quente."

"Hay mil regras pra come, mas nenhuma pra cagá."

"Pra segura mulher em casa e cavalo em campo aberto, só carece de um pau firme."

Dando a idéia de que o cúmplice é igual ao criminoso, ou então que muitas

vezes o que parece sem importância é essencial: "A gengiva não morde, mas segura os dentes."

Sobre as sutis diferenças: "Milonga e tango? Quibebe e mogango."

"Puro-sangue ou bagual, a bosta é igual."

Uma variação: "Meleca de rainha é igual à minha."

Um sábio comentário sobre as interpretações subjetivas: "Roda de carreta chega cantando e se vai gemendo."

Algumas comparações: "Bravateiro como castelhano em chineiro; Sujo como pé de guri"; Branco como catarina assustado"; Duro como trança de beata."

"Mús vale ser touro brocha que boi tesudo."

"Pra guaipeca, pontapé é mimo."

"Mús sagrado que Deus e a mãe, só dívida de jogo."

Das deduções simples: "Se a toca é ancha, o tatu é gordo."

Do perigo das deduções apressadas: "Pela cabel eira, o julgamento é canhestro: pode ser china ou maestro."

"Mús seco que penico de cego."

"Mús triste que tia em baile."

"Cavalo de borracho sabe onde o bolicho dá sombra."

"Marido de parteira dorme do lado da parede" (significado obscuro).

"Viúva moça é como louça: já foi usada, mas não se joga fora."

"Se Deus fez o mundo em seis dias, só no Rio Grande gastou cinco."

Mas bá

Contam que o analista de Bagé, embora se declare "mais antigo que emplastro" e freudiano de usar carteirinha, não renega as novas técnicas de análise.

Inclusive, inventou algumas. Segundo ele, o que vai longe sem sair do lugar é trilha. É preciso dinamizar a análise. Não se concebe mais que o paciente fale enquanto o analista cochila. Por isto, depois de inventar a análise em grupo com gaitero, "pra indiada se soltá", ele está experimentando com sessões externas ou "à la fresca", durante as quais paciente e analista saem à rua, e a análise é feita em qualquer lugar, num banco de praça, até num balcão de cafezinho.

- Ainda estou na fase anal-retentiva, doutor. Tenho esta obsessão infantil em não dar nada, nunca, a ninguém.

- Mas que cosa. Me passa o açúcar.

- Não passo.

As sessões de rua são boas para o paciente, pois ele foge da passividade um pouco humilhante do divã. (Se bem que o analista de Bagé adaptou um mecanismo de cadeira de dentista ao seu divã que, nos casos de complexidade inferioridade, vai ficando mais alto ao longo da sessão. "Controlo a altura na alpargata, e o coitadito pensa que melhorou.") Para o analista também é bom, porque ele pode, por exemplo, ir ao banco e dar consulta ao mesmo tempo. Mas

o que tem dado resultado mesmo são as análises no campo. Dependendo do caso, o analista de Bagé leva o paciente a caminhar no parque ou subir em morro. Ele nasceu na campanha e costuma dizer que é homem "de quatro horizontes". E quando o paciente dá sinais de estar muito angustiado pela vida urbana, o analista de Bagé grita para Li ndaura, sua recepcionista: "Prepara os isopor, que este é caso de piquenique." Aliás, ele diz que é tradicionalista de botar o Paixão num bolso e o Barbosa Lessa no outro, mas que hoje em dia não se admite gaúcho autêntico sem garrafa térmica. E vão pro mato.

Foi sentado debaixo de uma figueira, mastigando um talo, que o analista de Bagé ouviu a sua paciente - "mais linda que manta de charque gordo", como diria depois - declarar que não conseguia sentir prazer com homem algum, a não ser que houvesse a ameaça de punição. O analista de Bagé tentou manter o distanciamento clínico, mas estava batendo sol na bombacha e não deu. Olhou rapidamente em volta e avistou um relvado na forma de uma cama redonda. Deus existe, pensou, e Freud está à sua direita, anotando tudo. Sutilmente, o analista de Bagé sugeriu:

- Tira a roupa.

- Serei punida, depois?

- Mas bá.

- Como? Pelo sentimento de culpa?

- Não.

- Desenvolverei uma neurose? Meu ego, que exig e a punição, combaterá meu id, que quer ser satisfeito a qualquer custo, mesmo sabendo que ter relações com meu analista, que personifica o meu superego, não me causará culpa, pois posso racionalizá-las como terapia de apoio? Será esse o meu castigo?

- Não.

- Então qual?

- Urticária.

- Oba.

Metade cavalo

No começo de sua carreira, o analista de Ba gé também era chamado para atender casos a domicilio. Como na vez em que um peão foi chamar o analista no meio da noite. Era para o seu patrão, seu Vespasiano. Enquanto encilhava o cavalo, o analista de Bagé pediu detalhes sobre o caso. O peão contou que seu Vespasiano tava variando.

- Pensa que é metade gente, metade animal.

- Que animal?

- Cavalo.

- Que pêlo?

- Castanho.
- Que metade?
- A de baixo.

- Bueno. Pelo menos vou poder charlar com o homem.

Chegaram na estância quase de manhãzinha. Seu Vespasiano já estava de pé, mastigando seu milho. Recebeu o analista de Bagé com desconfiança.

- Que lê traz aqui?

Pôs vim olhar a sua tropa. Um cavalo meu desgarrou pra estas bandas.

- E tu cria cavalo no consultório, tchê?

- Tem cliente que só a patada.

- Pôs seu cavalo não ta aqui.

- Só vendo.

Saíram para o campo. O analista de Bagé a cavalo e o seu Vespasiano galopando do seu lado. Olharam toda a tropa. Aí o analista começou a examinar seu Vespasiano de cima a baixo.

- Tá me olhando por quê? - quis saber seu Vespasiano, carrancudo.

- Acho que to reconhecendo meu castanho.

- Endoidou? Eu sou o Vespasiano.

- Só até a cintura.

- Pra baixo também é meu.

- Então mostra a marca.

- O quê?

- Quero ver a marca na anca. Se não ta marcado, é meu.

A discussão ainda durou um pouco, mas no fim seu Vespasiano se convenceu que não era metade cavalo. Lamentou bastante porque daquele jeito estava economizando montaria. Mas a família suspirou aliviada. Não agüentava mais a bosta no tapete.